

## “A atitude de utopia do Zeca Afonso é o que nos move permanentemente”

Nuno Pacheco – 19 de janeiro de 2017

A ideia é simples e directa: *Insisto não ser tristeza*. Foi José Afonso que o escreveu, num poema, e serve hoje de mote à celebração da sua vida, obra e exemplo cívico, a pretexto dos 30 anos passados sobre a sua morte (a 23 de Fevereiro de 1987). A lista das iniciativas previstas é extensa e foi divulgada à imprensa nas instalações em Lisboa da Associação José Afonso (AJA), que também completa 30 anos em 2017. Francisco Fanhais, cantor e presidente da direcção da AJA, justificou assim a escolha do mote: “Pareceu-nos sintomático por ele ser quem era: um homem de não desistir, de transmitir essa capacidade de luta aos outros. Não estamos conformados com o que a situação em que estamos a viver, por mais aberturas que possa haver (e há). Não se pode dizer que já atingimos um patamar paradisíaco e que a partir daqui está tudo a correr bem. Não. Por isso, a atitude de utopia do Zeca Afonso é o que nos move permanentemente.”

A seu lado, Rui Pato, médico de profissão, que acompanhou José Afonso à viola entre 1961 e 1969 (hoje é vice-presidente da mesa da assembleia-geral da AJA), completou a ideia desta forma: “Em 23 de Fevereiro de 1987 o Zeca pegou na trouxa e zarpou e, contrariamente ao que escreveu na *Balada de Outono* [a versão instrumental, publicada em 1964, tem arranjos de Rui Pato], os rios que vão dar ao mar não deixaram os seus olhos secar e as águas das fontes não se calaram, nem as ribeiras choraram, porque o Zeca continuou a cantar. E é isso que a Associação quer fazer.” Mas afastando o lado fúnebre: “Não queremos que estes 30 anos sejam virados para o umbigo da associação nem para o obituário. Mas sim para celebrar a vida, a obra e o exemplo do Zeca.” (...)

### **Reeditado CD da Galiza**

Exposições, há duas essenciais: *Desta Canção que Apeteço*, sobre a obra discográfica de José Afonso (andarà por Évora, a 3 de Fevereiro; Mira-Sintra, Santarém, Lisboa); e *Geografia de Uma Vida*, ainda em fase de acabamento, que seguirá as suas andanças por Portugal e pelo mundo (esta será inaugurada em Abrantes, também a 3, seguindo para Alcântara, Almada, Santo André, Santiago do Cacém e Faro). Os concertos começarão na sede da AJA em Lisboa, a 26 de Janeiro, com Joana Bagulho a tocar, em cravo, obras de Carlos Paredes. Depois haverá, entre outros, numa lista que já reúne duas dezenas em várias localidades (...).

A par disso vão ser relançadas duas obras: o CD duplo *Galiza a José Afonso* (gravado ao vivo em 1985, agora reeditado mas que só será vendido nos núcleos da AJA) e o livro (esgotado) *Escritas do Maio, escrever com José Afonso*, de Miguel Gouveia. (...)

### **“Cantigas da pesadona”**

O trabalho da AJA, dizem os seus dirigentes, quer-se virado ao futuro, às novas gerações. Como exemplo, Fanhais recordou um episódio que se passou com ele e o marcou até hoje. Foi numa sessão de homenagem a José Afonso em Viana do Castelo, em 1986, um ano antes de ele morrer. “Fui lá cantar, e no dia seguinte de manhã cedo estava na estação para apanhar o comboio para baixo. Chegou-se ao pé de mim um rapaz novo, daqueles que facilmente identificaria como um arrumador. Olhou-me de frente e disse: *‘tiveste ontem a cantar na sessão do Zeca? Eu tam’ém lá tive, gramei das cantigas, pá, cantigas da pesadona. És amigo do Zeca, podes levar um recado ao Zeca?’* Eu, cada vez mais espantado, disse-lhe: posso. *‘Dá-lhe um abraço cá do rapaz e dá-lhe este recado: o Zeca não morre no coração da malta nova.’* Fiquei sem palavras.”

<https://www.publico.pt/2017/01/19/culturaipilon/noticia/a-atitude-de-utopia-do-zeca-afonso-e-o-que-nos-move-permanentemente-1758796>